

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora - a - Branca, 105 - BRAGA

ANO XXIX - N.º 559 - Melgaço, 1 de Março de 1975

Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Telef. 22455 - Braga

Esclarecimento

Há dias, em 13 do mês que findou, pelas 18,30, ao regressar dos meus deveres profissionais, liguei o rádio para ouvir notícias. E ouvi, com pausas cobertas de música, elementos do M.F.A. transmitindo ao país certas conclusões a que chegaram nos concelhos do Alto Minho, nomeadamente no de Melgaço, onde nasci.

Todos nós sabemos que o M.F.A. pretende dinamizar, informar e esclarecer as populações rurais (e também urbanas) quanto à sua democratização de Portugal, ouvindo queixas, recolhendo as suas reclamações e sugestões, umas cheias de razão e solução e outras, pelo menos, de que venham a ter cabimento.

Não há dúvida que todo este trabalho do M.F.A. tem o seu valor para os povos que nascem, vivem, trabalham e morrem na serra ou no campo, mas sempre fiéis à sua tradição: trabalho e oração, amor à terra que lhes dá o pão, amor à sua religião totalmente católica, e o amor ao seu próximo, obedecendo e cumprindo respeitosa e lealmente a lei que lhes é imposta por decretos ou ouvindo a homilia e os são conselhos transmitidos nas missas dominicais e dias santificados pelos seus pastores ou ainda por editais afixados pela autoridade administrativa ou policial. É que nem todas as pessoas vão ouvir o discurso do sr. Presidente da Câmara ou do sr. Governador Civil, tal o apego ao trabalho e ao meio em que vivem e também porque o analfabetismo ainda existe em grande percentagem, o que não impede que a nossa gente minhota — os rurais — sejam bons, honestos, ordeiros e cumpridores e exemplares chefes de família, pela qual votam todo o seu esforço, suor e lágrimas!

Mas há sempre uma ovelha trasmalhada. E onde é que elas não existem?

Falar-lhes em política ou em partidos?

O seu trabalho, desde o romper da aurora ao anoitecer, têm mais valor para o seu burgo. E de partidos pouco ou nada sabem e se pouco sabem é desde os alvares do «25 de Abril».

— Mas sabem «desabafar» e exteriorizar certos preconceitos como sejam: «Já assim foram os meus avós, os meus pais, todos os meus antepassados»; «queremos ser como eles», «queremos a nossa liberdade», «queremos os nossos baldios», «queremos ter o nosso rebanho, o nosso gado, para podermos adubar os nossos campos».

— Quando se lhes fala em guerras, em revoluções ou tudo que lhes roube a paz, sabem

(Continua na 3.ª pág.)

JUSTA HOMENAGEM

Em ambiente fraterno, decorreu no passado dia 22 do último mês, na Pensão Boavista, no Peso, um jantar de homenagem ao sr. Dr. Oliveiros Rodrigues, ilustre melgacense e distinto advogado. Lá se encontravam pessoas de todas as categorias sociais, do concelho e de fora, que não quiseram deixar de lhe manifestar a sua solidariedade. A sala que se encontrava completamente repleta, não foi suficiente, tendo de recorrer o seu proprietário à improvisação de outra anexa. No fim do repasto, usaram da palavra os senhores Dr. António Durães, Dr. José de Abreu, Dr. Abel Vaz, Dr. Manuel Marques, Cônego António Luís Vaz, que enalteceram as qualidades da pessoa em causa. No final, e bastante comovido, numa simples e tocante alocução o homenageado usou da palavra agradecendo a presença de todos ali presentes, que lhe acabavam de testemunhar o maior apreço e grande amizade a tão ilustre melgacense.

Homenagem ao P.e Carlos

Rev.º Sr. Cônego Vaz

A V. Rev.º os meus sinceros e respeitosos cumprimentos.

Pelo que li no jornal «A Voz de Melgaço», está em dúvida a construção do busto ao Rev.º P.e Carlos Vaz, pelo motivo de a igreja ser pobre e ele P.e Carlos ter sido de vontade modesta. Pois creio que isso nada tem que ver nem que impedir que se cumpra a vontade dos cristãos, nomeadamente dos amigos do Rev.º P.e Carlos, visto que é da vontade destes e com as suas ofertas que se faz o busto.

Eu sou de toda a opinião de que se deve fazer o busto, pois que é bem merecido e de justiça, visto que Ele foi o fundador das obras de Santa Rita, Benfeitor da Humanidade, especialmente do povo de Melgaço, Padre Exemplar, etc.. E se não fez mais e melhor pelos que lhe pediam e que precisavam, foi porque não pôde.

É certo que a minha oferta para a construção do busto é pequena, mas se for necessário oferecerei mais alguma coisa. Sei de várias pessoas que são da minha opinião e creio que há muita gente também da mesma opinião.

Um amigo do falecido P.e Carlos.

M. D. B.

A Câmara de Melgaço em estado de insolvência

Entrevista com o Sr. Dr. António Augusto Durães



Dr. António A. Durães

Em 24 de Julho próximo o sr. Dr. António Augusto Durães fará 84 anos. Quem conhecer toda a sua vida passada em África, desempenhando cargos governamentais sem abdicar do espírito democrático a que sempre se sentiu arreigado, lutando contra os ventos do fascismo, impondo-se como causídico, consagrando-se como jornalista na luta pela Democracia, sentindo o indesejável bafo do regime que amordaçou a liberdade, perguntará o que faz rejuvenescer este homem que não sente o peso da idade, que conserva uma memória prodigiosa, que relata com fidelidade e pormenor o passado em África, com Norton de Matos, os pedidos de exoneração de cargos que desempenhava para não vender o seu ideal? Pergun-

tará que razões levam este homem a consumir as suas preciosas energias em oferta à terra que o viu nascer, fazer-se homem e guindar-se para a fama que nunca aceitou?

Formou-se em direito em 1912. Pertencem a essa época nomes como Jaime Lopes Dias, Joaquim Martins da Cunha, António Videira, Pedro Pita, Adolfo de Andrade, etc., que em Coimbra formaram uma época. Mais tarde em África teria a oportunidade de conhecer mais positivamente a figura do grande homem que foi Norton de Matos. As relações de amizade entre os dois homens pode ser encontrada nos vários documentos religiosamente conservados por este homem de África.

Muito se poderia dizer sobre o seu passado. Muitas das vezes o impelimos a escrever as suas memórias. Respondia-nos que não tinha tempo disponível. Andava ocupado a levantar os Bombeiros Voluntários da terra do mau período que atravessavam.

Em 4 de Novembro último o Governador Civil do Distrito de Viana do Castelo deslocou-se a Melgaço para empossar a Comissão Administrativa da Câmara. Dos elementos que a constituem figura à cabeça o Dr. António Durães. A solicitação para o cargo fora quase um «ultimatum»: ou ele aceitava ou os outros rejeitavam a nomeação para o exercício do cargo, uma vez que não podiam contar com a experiência, a sagacidade, a força deste homem com 84 anos. E António Durães não disse que não.

Com ele trocámos algumas impressões no seu próprio escritório carregado de livros, bem encadernados e seleccionados. Alguns diplomas honoríficos, fotografias de antigos camaradas de cursos, muitos deles já desaparecidos, cobrem o rectângulo mural não ocupado pela biblioteca.

«Voz de Melgaço» (V. M.)

V. M. — Gostariamos de saber, antes de tudo, quais foram os primeiros passos dados pela Comissão Administrativa a que preside depois da posse?

António Durães (A. D.)

A. D. — Foi saber qual a situação financeira da Câmara para poder fazer um programa de obras e melhoramentos.

(Continua na 4.ª página)

Casa de Melgaço em Braga

Está em preparação a Comissão Organizadora da «Casa de Melgaço», em Braga, a qual será rotativa, para ser mais democrática. Esperamos dar o elenco no próximo número.

POR FALTA DE ESPAÇO

Por falta de espaço não publicamos algum original no número de 15 de Fevereiro, e, entre outro, o dos Bombeiros e de Bernardo Pintor.

Desculpem-nos, autores e leitores.

Da Vila e Concelho

PELOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Temos acompanhado de perto o dinamismo com que os membros da actual Direcção dos nossos soldados da Paz, estão levando a efeito a espinhosa missão que lhes foi confiada. Sem pretendermos de modo algum menosprezar as anteriores Direcções, não podemos deixar de louvar, o trabalho assíduo, EXPLICATIVO, e honesto como estão defendendo os interesses de tão prestimosa Associação. Os nossos parabéns e que Deus lhes dê forças e saúde para levarem à frente a empreitada à qual meteram ombros.

Assuntos mais importantes tratados na Reunião de 25-1-75:

a) Foi registado com muito agrado e deliberado agradecer, à Tipografia Central do Entonamento, a oferta de 3000 impressos para cobrança de cotas;

b) Foi recebida uma carta do sócio n.º 88r, Sr. Maximino Fernandes Reinales, na qual é proposta a constituição de uma nova Direcção para as actividades culturais.

Foi deliberado entrar em contacto com a actual Direcção, expondo-lhe a proposta;

c) Foram admitidos como novos sócios os srs. António de Jesus Carvalho, António Esteves, José Eduardo Trancoso e Henrique Augusto Gomes ficando-lhes, a caber respectivamente, os números 887 e 890.

— E na de 1-2-75:

a) Foi registada a receita de 5166\$, proveniente da condução de ambulância, cotas, joias e venda de Estatuos;

b) Correspondência recebida: Da Direcção-Geral de Administração Local. Assunto — Subsídio de 4000\$, para a compra de material do Corpo Activo;

Do Sport Clube Melgacense.

Assunto — Solicita a cedência dos balneários dos Bombeiros Voluntários, para os atletas se equiparem nos dias de treino. Foi deliberado autorizar a cedência dos balneários mediante o pagamento de uma taxa a acordar entre as partes;

c) Foi apresentada a programação dos filmes a passar durante o mês de Fevereiro, a saber: Dia 3 — Borsalino, dia 8 — Vai chamar Pai a outro, dia 16 — O invencível Robin dos Bosques, dia 23 — Transplantação;

d) Foram apresentadas 15 propostas para Sócios desta Associação, que foram aprovadas, cabendo aos novos sócios Srs Leonel Esteves, Albertino Fernandes, Aníbal Esteves, Américo Domingues, António Augusto Domingues, Abílio Esteves, Manuel do Nascimento Martins, Elisen Afonso Cidre, António Vitorino Sousa Silva, Manuel Caetano Pires, José Emílio Pereira Esteves, José Manuel Esteves, António Fernandes Vaz, Maria Angelina Esteves e Maria Cândida Esteves Menezes os números 891 a 905, respectivamente.

Reunião ordinária da Direcção realizada em 15-2-75.

Assuntos mais importantes tratados na reunião:

a) Foi apresentada e aprovada a seguinte nova tabela de utilização das viaturas-ambulância, tendo-se tomado em consideração que os sócios devem ser mais favorecidos e que os não sócios devem suportar taxas mais agravadas:

Para sócios, seu cônjuge, ascendente e descendente que estejam a seu cargo e com ele vivam:

Para a Associação:

a) Pela saída do Quartel, 25\$00.

b) Por cada quilómetro percorrido, desde a saída até à entrada no Quartel, 2\$00.

Para os Bombeiros
Condutor — Por um dia, 300\$00; por meio dia, 150\$00.

Auxiliar — Por um dia, 200\$00; por meio dia, 100\$00.

Qualquer fracção ou fracções contam pela totalidade.

Para não sócios:

Para a Associação:

a) Pela saída do Quartel, 50\$00.

b) Por cada quilómetro percorrido desde a saída até à entrada no Quartel, 5\$00.

São encargo do requisitante as despesas de alimentação, bem como as de alojamento, quando não regressem

no mesmo dia, a preços usuais das respectivas categorias.

b) Foram apresentadas 13 propostas para sócios desta Associação, que foram aprovadas, cabendo aos novos sócios srs. Manuel Rodrigues, José A. Oliveira, Armindo V. Martins, Ricardo Manuel Esteves, Alberto José de Castro, José António da Silva, Paulino A. de Oliveira, Norberto de Jesus Antolinho, Celestino Gonçalves, Manuel A. Domingues, Manuel J. Afonso, António A. Fernandes, António Soares Pimenta os números 921 a 933, respectivamente.

— Reunião Ordinária da Direcção realizada em 8-2-75.

Assuntos mais importantes tratados na reunião:

a) Foi registada a receita de 1413\$50, proveniente de cotas, joias, venda de Estatuos e de cota suplementar;

b) Correspondência recebida: Da Inspeção do Serviço de Incêndios da Zona Norte; Assunto — Refere-se ao subsídio de 40000\$00 para aquisição de material de combate a incêndio;

c) Depois de ouvidos o Comandante do Corpo Activo, os motoristas e um representante dos Bombeiros, foi deliberado alterar a tabela de utilização das viaturas-ambulâncias;

d) Foram apresentadas 15 propostas para Sócios desta Associação Humanitária, que foram aprovadas, cabendo aos novos sócios srs. Armando Caldas, Paulo Alves Pereira, António Manuel Bermudes, António Carlos Fernandes Maciel de Freitas, Armando Arnaldo de Castro, António José Gonçalves, José Augusto Domingues, Inocêncio Duarte Domingues, Maximiano Augusto de Freitas, Alípio José Rodrigues, Adriano Pires, Manuel Pires, Alberto Manuel Lourenço, José de Castro e Manuel Alves Novo os números 906 a 920, respectivamente.

AGRESSÕES — Em 2-2-75 — No lugar dos Lourenços, da freguesia de S. Paio, foi agredido a soco o sr. Augusto C. Meixeiro, casado, de 65 anos, pelo sr. José Augusto Esteves, de 25 anos, solteiro, actualmente a prestar serviço militar em Penafiel. Ambos são residentes no lugar acima citado.

21-2-75 — No Peso, Paderne, igualmente foi agredido o sr. Martins Lourenço, Chefe da P.S.P. aposentado, que desempenha actualmente as funções de fiscal da estância termal do Peso. Foi agressor o sr. Manuel António Nunes, G.F. aposentado, de 49 anos, residente naquela localidade. Motivo, o não querer assinar numa lista, na qual se impunha o corte das árvores, que naquela estância deixam a estrada nacional 202, por já anteriormente o agredido o haver tratado na dependência a que está ligado (Comissão de Turismo).

22-2-75 — Ainda a menor de 8 anos de idade, Palmira Gonçalves, filha da sra. Maria Pires, da Cela, Couso, foi espancada por António Fernandes da Costa Meleiro, do lugar de Pomares, da freguesia de Paderne.

A G.N.R. tomou conta das respectivas ocorrências, tendo enviado os agressores ao poder judicial.

NA CELEBRE PONTE DA CELA (local que parece estar frequentado por meliantes à solta) — No passado dia 23-2-75, da parte da manhã, o Sr. Júlio Francisco Domingues, G. Florestal, em Mourim, Parada do Monte, deixou a sua motorizada estacionada junto da ponte acima citada. Quando mais tarde lá chegou, encontrou a mesma com um pedal partido e o farol amolgado. Ainda bem que encontrou o veículo, pois outros não tiveram essa sorte... A G.N.R. está procedendo a averiguações.

FALECIMENTO — Na Rua do Rio do Porto, desta vila, morreu no dia 17-2-75, a senhora Deolinda A. Pereira Carneiro, com 66 anos de idade, solteira, filha da sra. D. Deolinda Augusta Pereira, e do sr. José António A. Carneiro, ambos já falecidos. Era irmã dos srs. Campeão A. Carneiro, Franklín A. Carneiro, Irene A. Carneiro. O funeral que se realizou no dia seguinte, foi mais uma prova de amizade de que a extinta gozava. Que repouse em Paz.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO

SOLICITADOR



Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

GENTE NOVA — Numa clínica da cidade de Vigo, deu à luz um menino, a sr.ª D. Rita Regojo Marques, esposa do nosso presado assinante sr. Dr. Adriano Marques, ilustre consul do Equador nas quatro províncias de Galiza. (Pontevedra, Corunha, Lugo e Orense) Ao feliz menino desejamos muitas venturas, ao mesmo tempo que endereçamos a seus pais, os nossos parabéns.

— Na Igreja Matriz da nossa Vila, pelo reverendo Arcipreste Sr. Padre Justino Domingues, foi baptizada Sofia do Carmo Ferreira de Moraes, no passado dia 9-2-75. A recém-nascida é filha do nosso prezado amigo e conterrâneo Sr. Armando Demóstenes de Moraes e de Maria José Ferreira, residentes nesta Vila. Que se encontre de boa saúde é o que lhe desejamos.

Foram padrinhos os meninos Alberto H. F. Gomes e Maria do Rosário F. Gomes.

CASAMENTO — No dia 15-2-1975 uniram-se matrimonialmente o sr. Joaquim Manuel G. Toureiro, filho de Salvador F. Toureiro e de Estefânea Rosa Guerreiro e a menina Maria J. da Costa Velho, filha do sr. João M. C. Velho e Flávia A. de Freitas, moradores em Galvão. Apadrinharam esta cerimónia religiosa os srs. José F. Toureiro e José C. da V. Rodrigues.

DISCORDIA FAMILIAR — No passado dia 12-2-75, a sr.ª Maria Alice de Araújo, casada, de 46 anos, foi ameaçada de morte pelo seu marido sr. Manuel Augusto Pinto, de 46 anos, ambos a residir no lugar de Nogueira, freguesia de Chaviães, deste Concelho. Foram-lhe ainda destruídas, louças e roupas diversas. O respectivo auto, foi entregue a Tribunal.

DOENÇA — Num dos estabelecimentos hospitalares da cidade do Porto, encontra-se internado o Sr. Padre Albertino Pereira, pároco da freguesia de Paderne, que foi vítima de grave enfermidade.

Desejamos ao bom amigo rápidas melhoras.

FUTEBOL

Classificação Geral da Jornada anterior:

1.º Lanheses, 6 jogos, 18 pontos;
2.º Valdevez, 6 jogos, 17 pontos 3.º Forjães, 6 jogos, 15 pontos; 4.º Cerveira, 6 jogos, 13 pontos; 5.º Courense, 6 jogos, 12 pontos; 6.º Ancora, 5 jogos, 12 pontos; 7.º Melgacense, 5 jogos, 12 pontos, 6.º Neves 6 jogos, 11 pontos; 8.º Valenciano, 6 jogos, 11 pontos; 9.º Nogueirense, 6 jogos, 8 pontos; 10.º Lenhelas, 6 jogos, 8 pontos; 11.º Fontão, 5 jogos, 7 pontos; 12.º Freixo, 6 jogos 7 pontos; 13.º Taurino, 3 jogos, 5 pontos.

A. Valdevez, 1 Melgacense, 1

No campo da Coutada, nos Arcos de Valdevez, efectuou-se no passado dia 16, o jogo a contar para a 7.ª jornada do Campeonato Regional da A. F. de V. Castelo acima indicado.

O Melgacense terminou o encontro empatado a um golo, resultado que premeia a garra da equipa visitante. O Valdevez teve um jogo bonito, mas com falta de remate.

A nossa turma, sem linha média, utilizou o contra-ataque com Afonso a desempenhar cabalmente essa ingrata missão. Se por qualquer motivo o dito jogador não puder alinhar, como jogará o Melgacense? Esperamos que tal não suceda, porque se assim acontece sofremos uma grande desilusão. (Do nosso enviado especial ao jogo).

Melgacense, 2 Ancora Praia, 3

No campo de jogos Dr. Sidónio Soares de Sousa, em Melgaço, a contar para a 8.ª jornada do campeonato Regional da A. F. de V. do Castelo, o clube local recebeu a visita do Ancora-Praia. Perante razoável assistência, em tarde propícia para a prática da modalidade, vimos um Melgacense, desunido e com poucas vontades para vencer.

Perante arbitragem do sr. João de Oliveira, coadjuvado por Arnaldo Silva e António Amorim, as equipas apresentaram a seguinte formação:

Melgacense: Amoedo; Carlos, Zéca, Humberto e João; Paiva (Beites) (Fortunato), Fernando e Mokuna; Zé Albano, Melo e Vilas.

Ancora: Mário (Armando); Baixinho, S. João, Martins e Adriano; Gaitas e Sidónio, Amaro, Cândido (Zéca), Coco e Zé Alberto.

Ao intervalo a equipa visitante venceu por 2-0, com golos marcados por

STAND MELGACENSE

DE AMADEU GOMES

Telef. 42104

das famosas marcas alemãs de frigoríficos **BOSCH**
de Rádios e Televisores **BLAUPUNKT**
de electrodomésticos **GRUNDIG**
das Balanças e material **A. PESSOA**
do **GÁS MOBIL**, da **PHILIPS**
e das inultrapassáveis motorizadas **FAMEL-ZUNDAP . SACHES**

DÊ A SUA PREFERÊNCIA AO
STAND MELGACENSE

Além das melhores marcas é o único que possui electricistas próprios para garantir a devida assistência e para fornecer orçamentos grátis

Se tem qualquer dúvida, consulte-nos

NINGUÉM O FORÇARÁ A COMPRAR

Cândido, aos 32 e 42 minutos de jogo.

No início da 2.ª parte, Melo reduz para 2-1. E Ainda Cândido quem eleva para 3-1, em bonita jogada. Humberto, na transformação de uma grande penalidade faz 3-2, resultado com o qual veio a terminar o encontro. Consta que a Direcção do S. C. Melgacense pretende protestar o encontro, baseada na razão de o árbitro não ter arbitrado devidamente equipados. Quanto a nós, o que seria bom era jogar para vencer... e não assistir a jogos como este.

FUTEBOL DE SALÃO

O Banco Borges & Irmão, organizou um torneio onde estão inscritas 47 equipas incluindo a Sede e Agências, divididas em 6 séries. Fazem parte do grupo (Zona Norte): Melgaço, Valença, Ponte do Lima, Braga, Guimarães e C. Crédito.

A formação Melgacense, que pertence à 6.ª Série, está no comando, juntamente com Valença. Vencemos no 1.º jogo a turma Bracarense por 6-2. Por 4-2, triunfamos frente ao Ponte de Lima, no segundo encontro.

Do nosso conjunto fazem parte: Solheiro; Vaz e Gouveia; Moraes e Fernando.

De notar que nos 10 golos marcados, 9 foram da autoria de Fernando, brioso atleta e orientador técnico ao serviço do S. C. Melgacense.

Melgaço continua no comando da 6.ª Série, e Sábado (15) defronta a Agência de Vila do Conde. Se conseguir a vitória, será possivelmente à nossa turma, apurada para a fase final, a realizar-se na cidade do Porto. Parabéns aos briosos atletas da Agência do Banco Borges & Irmão, em Melgaço.

Melgaço, 4 Guimarães, 4

Possivelmente o desafio mais difícil da equipa representativa da nossa Terra, este que se realizou no Pavilhão de Valença, no passado dia 8-2-75. Apesar de alguns nossos elementos se encontrarem com gripe, o que produziu uma certa falta de rendimento do nosso grupo, mesmo assim chegamos a estar a ganhar por 4-1, a 15 minutos do final do encontro. Inesperadamente o adversário, mercê da sua força de vontade, e com a ajuda um tanto esclarecida do árbitro, conseguiu chegar ao final com igualdade. Fernando, em evidência, conseguiu obter 3 golos.

As equipas alinharam:

Melgaço: Solheiro; Vaz e Gouveia; Moraes e Fernando.

Guimarães: Zé; Pinto e Saraiva; Faria e Miguel.

De Penso

22-2-1975

M. S.

A PESCA — Começou a Pesca cá no Rio Minho, e a saborosa lampreia, já cá apareceu. As chuvas este ano foram poucas, e não houve cheias que dessem oportunidade para o peixe entrar em quantidade, mas algum sem-

pre vai cá chegando. O sável e o salmão, é que quase se não vêem por cá pela nossa ribeira.

DE LUTO — No passado dia 6 faleceu, no lugar do Crásto, e no estado de viúvo, o sr. José Lopes, mais conhecido por o José da Terra. Era um homem muito alegre, e com vocação poética, pois que para todos tinha sempre um verso para dizer. Deixa descendentes em França, em Lisboa, e cá na terra. Era Pai de Luís Lopes, José e António, estes em Lisboa, e do Manuel, em França. Todos casados, e muito amigos do Pai.

A família em luto apresenta os nossos sentimentos.

DE LISBOA — Embora com pouca demora, esteve entre nós o estimado conterrâneo sr. António Passos, comerciante em Lisboa que viajou na companhia de sua esposa D. Célia Fernandes Passos, e de sua futura nora. Sabemos que fez boa viagem de regresso, pelo que regosijamos com isso.

— Ainda de Lisboa, regressou a sr.ª Rosa de Carvalho que as suas filhas, Beatriz e Aldina acompanharam no carro do seu genro, o noosso estimado assinante sr. Alvaro, que muito a estimam. Também com pouca demora esteve cá de visita a sua Mãe e mais familiares, o estimado assinante sr. Pedro Lopes. Para todos os meus cumprimentos.

N. J. Vaz

De PRADO

CASAMENTO — Foi em 16 do corrente que se realizou na capela do Castelo da Vila e concelho dos Arcos de Val de Vaz o casamento de Maria Manuela de Almeida Salgado com João Rogério de Azevedo, sendo ela professora e ele comerciante, a primeira natural desta freguesia e o segundo natural dos Arcos de Val de Vez. Findo o acto seguiu o cortejo para casa de família da nubente, onde foi servido um lauto banquete. Estão de parabéns em especial seus avós paternos com quem a nubente foi criada, e ainda seu avô Manuel José Salgado ter feito em 24 do corrente as suas risonhas 80 primaveras, correspondente deste quinquenário.

«A Voz» envia os seus parabéns.

DE FRANÇA — Veio o nosso assinante Adjuto Manuel Vaz.

DE LOURENÇO MARQUES — Veio de visita aos seus familiares, onde se encontrava há cerca de 21 anos, Maria Carolina Gomes de Sousa Gonçalves. Acompanhou-a sua filha Rosa Maria Gonçalves, sendo transportada do aeroporto de Lisboa a sua terra natal por seu cunhado Justino José Gonçalves, sua irmã Delfina Gomes de Sousa Gonçalves e filhinhas, tendo já regressado aos seus empregos.

Assine e Anuncie em
«A Voz de Melgaço»

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Antigualhas Melgacenses

LI

Vias de comunicação

A vila de Melgaço, situada na fronteira com a Galiza, era local de trânsito e negócios. O primeiro foral menciona a feira e os impostos das várias mercadorias.

Por Melgaço passava uma estrada que vinha da orla marítima, procedente do sul e passando em Viana atravessava Caminha, Cerveira, Valença, Monção e Valadares, servia Melgaço e seguia por Ponte das Várzeas (S. Gregório) para a Galiza.

Aqui e além cruzava esta estrada com outras que do interior vinham aos diversos portos do rio Minho.

Essas estradas eram caminhos em geral bem feitos, mais ou menos iguais aos vãos caminhos que há em muitas das nossas aldeias. Por eles se viajava a pé ou a cavalo e na maior parte transitavam as mercadorias ao dorso de animais, em carros e carroças.

Em geral as estradas medievais eram ainda as estradas romanas com mais de dois metros de largura.

Havia também vias de comunicação reduzidas, simples carreiros por onde se transitava a pé ou a cavalo e a mercadoria podia seguir em cargas ao dorso dos animais.

As estradas antigas ainda servem na maior parte como caminhos. O seu trajecto orientou a abertura das estradas modernas que em várias partes se lhe sobrepueram.

O povo ainda conhece essas estradas antigas e por isso aqui e além lhes chama *estrada velha* ou simplesmente *estrada*.

Ao longo dessas estradas ficaram toponímicos a provar-nos a sua existência. Assim encontramos os nomes de Pousa, Pousada e Fousada, Albergaria, Venda, Parada, Paradela, Poudação de lugares onde se descansava, comia ou pernoitava. Outra indicação é Calçada, Carreira e Corredoira. Ligados com a cobrança dos impostos de portagem ainda temos as povoações de Portela que ficavam ao correr dessas estradas.

Noutros tempos, como ainda hoje, os negócios desenvolviam-se ao correr das vias de comunicação, casas de comes e bebes, de hospedagem, de ferragem de animais, confecção e reparação de arreios, tudo era modo de ganhar a vida.

A estrada ao correr do rio Minho, vinda da beira-mar, passava em Valadares, Penso, Alvaredo e entrava no termo de Melgaço que se dividia do termo de Valadares pelo regato da Barqueira, entre o Peso e Alvaredo. A região do Peso, que antigamente se chamava Várzea, pertencia no foro eclesiástico ao mosteiro de Paderne que era do termo de Valadares, e no foro civil pertencia ao termo de Melgaço.

Em 1650, a 22 de Julho, procedeu-se à demarcação do termo de Valadares no arrolamento feito à Casa de Vila Real, a cujo senhorio pertencia, por a mesma ser confiscada em razão de traição dos seus fidalgos contra o rei D. João VI.

Aí ficou escrito que a demarcação do termo de Valadares com o de Melgaço principia junto ao rio Minho onde se chamava Pombeiro, pelo regato da Barqueira acima até chegar à estrada pública que vinha de Valadares para Melgaço. Essa velha estrada é o caminho que passa ao lado de baixo do Peso, atravessa a ponte da Folia junto às águas minerais, e sobe em calçada até Prado, cortando o lugar da Breia, toponímico frequente ao correr das estradas antigas.

Em Prado juntava-se a esta uma outra estrada precedente do Val-do-Vez por Gondoriz, Sá, Cabreiro, Sistelo à Portela de Alvitó, onde se ramificava para as bandas de Monção. Essa estrada é referenciada em Sá pela identificação de uma ara romana há anos no adro da igreja paroquial, e em Cabreiro pelo seu tombo elaborado em 1795 em que se descreve o passal a confrontar com a estrada de Arcos de Valdevez para Melgaço.

(Continua)

Electrotécnica

de ANTONIO SOLHA & IRMÃO
PRAÇA DA REPÚBLICA — MELGAÇO

RÁDIO ELECTRICIDADE
TELEVISÃO AMPLIFICAÇÕES SONORAS

Agentes da SIEMENS.

Prestam assistência técnica com competência e honestidade no nosso concelho.
CONSULTE-NOS para as suas instalações!!!

SEGUROS

- * Acidentes pessoais
- * Acidentes no trabalho
- * Aéreo
- * Automóvel
- * Avaria de máquinas
- * Caça
- * Incêndio
- * Inundações
- * Quebra dos vidros
- * Terramotos
- * S. Cristóvão
- * Vida

Trata: **Miguel J. G. Pereira**

Rua da Calçada — Telefone 42212 — MELGAÇO

A Igreja de Braga

Tem a nossa Diocese sido objecto de ampla publicidade na imprensa e meios de comunicação Social do País inteiro. A quem quiser informar-se mais detalhadamente do que se vai passando em Braga recomendamos a leitura do livrinho:

BRAGA — A «IGREJA DE D. FRANCISCO ARCEBISPO»

A venda na Casa Hilário da Vila
Custa só 10\$00!

Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas
Automóveis e Estabelecimentos

TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, L.da

Rua do Almada, 25 — PORTO — Tel. 311057

Bento Gomes

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

ANDARES

Vendem-se, prontos a habitar. Isentos de sisa até 31-12-74.
TRATA «FIAT» em Braga.
Ver na R. Conselheiro Lobato, 219 a 245, Telef. 22389 - 24194 — BRAGA.

Fany

LAVANDARIA E TINTURARIA

(a Casa que Melgaço precisava)

«Lavagens a sêco, molhado e tinturaria»

Executa serviços rápidos a preços módicos

na

RUA DO RIO DO PORTO, em MELGAÇO

Vinho do Porto **BARROS**

De todos

De todos

mais saboroso

mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

Artística «Foto-Caldas»

DE — José Joaquim Caldas

R. Rio do Porto — Telefone 42220 — MELGAÇO

Executa fotografias para documentos, na mesma hora — vende materiais para amadores e cinema das melhores procedências — faz reportagens em casamentos, baptizados, procissões, etc., em preto e côr.

Se quer ficar bem servido, dê-nos a sua preferência.

Esclarecimento

(Continuação da 1.ª página)

acerto: «a carne cura-a o fumo»; os homens cura-os o mundo! Isto é o mesmo que dizerem logo exclamar com todo o que ao fim de tanta luta, mortes e sangue vertido, os homens acabam por se convencer de que a Paz é a melhor arma de um povo. E é nas aldeias que se vive a paz, a alegria, o entendimento, embora com sacrifícios e trabalho.

Dar a César o que é de César; dar a Deus o que é de Deus; dar ao povo os seus direitos inalienáveis e inalteráveis se queremos construir um Portugal Novo.

E é nestes moldes que o M.F.A. visita, esclarece, avisa.

Mas voltando ao princípio da transmissão radiofónica que ouvia, reparei, desapontado, que um elemento das Forças Armadas esclareceu que em Melgaço há falta de médicos (problema igual ao de todo o País) e os que ainda exercem a profissão não atendem todos os doentes, ou pouco se interessam por eles, o que os obriga a irem a Espanha, uma vez que se trata de zona fronteira, aonde são consultados gratuitamente.

Não quero desmentir o M.F.A. pelo qual nutro a melhor admiração e respeito, mas fazer sentir a quem deu a informação de que não acredito, sinceramente, no que expôs. Pode ser — e aqui estará a razão da informação — que a pessoa que

a prestou tenha sido atendida gratuitamente por questões de amizade ou favores prestados, ou ainda por carta de recomendação.

Sou melgacense, nascido a poucos quilómetros da vila de Melgaço, mas conheço perfeitamente o Corpo clínico da terra de Inês Negra, sempre pronto a servir, embora com elementos já cansados. E apesar de estar retirado do concelho, por dever de profissão, há largos anos, ainda tenho aí e em Espanha muitos amigos (e também inimigos) alguns deles médicos, mas nunca tive a sorte (se se pode chamar sorte) de ser consultado de graça no país vizinho. Ainda há bem pouco tempo, em 18 e 23 de Dezembro do ano findo, paguei por uma consulta, num médico oftalmologista de Santiago de Compostela 1500 pesetas, o que é igual a 750\$00, ou até mais, e paguei 500 pesetas pela consulta de uma filha, num médico de doença intestinal. Pois saibam que a estes médicos amigos e *nuestros hermanos* tenho levado bastantes doentes, não porque os nossos médicos não tenham competência ou se recusem a consultar, mas sim por quererem aproveitar o passeio. E mesmo assim — note-se — não beneficiei de gratuidade e nem sequer de gratuidade.

Dou a mão à palmatória se alguém me convencer e provar que os médicos espanhóis oferecem agora os seus serviços, gratuitos, aos *hermanos portugueses*. Isso seria de louvar.

Conheço, sim, um serviço grátis em Espanha, para os portugueses: é o casamento e os baptizados. Mas eu casei em Portugal, em Fiães, para melhor cumprir e também para «fugir» a um «possível» divórcio!

Melgaço está organizado e continua a organizar-se. É um concelho onde não faltam valores de toda a ordem. Este meu concelho fica mesmo viradinho ao Norte, mas sem perder o seu rumo.

Ainda há bem pouco tempo Melgaço perdeu um futuro médico, roubado à vida num brutal desastre de motocicleta. Quase no fim do seu curso, com aproveitamento honroso para o País e para o concelho, o saudoso Júlio, assim se chamava, tinha em vista a organização de uma casa de saúde, em colaboração com outro futuro médico, seu primo, que muito serviriam o seu concelho e a sua terra tão querida.

Assisti ao funeral do infeliz Júlio, desse brioso rapaz. Chorei-o. E choro-o. E muitos devem sentir a sua falta.

Mas Melgaço não ficará assim. Tenho esperança de que num futuro muito próximo ocupará o lugar a que tem direito, em todos os sectores e democraticamente.

Termino, com o único intuito de esclarecer e não menosprezar, o que seria falta grave.

As Forças Armadas querem ser esclarecidas com toda a franqueza, para esclarecerem o País. É isto o que pretendem. E é este o nosso dever.

Não me escuso a citar um provérbio francês, que nada tem de mal: «Honní soit qui mal y pense».

Vilar de Mouros (Minho), Fevereiro de 1975.

Aurélio Rodrigues Barbosa

A Câmara de Melgaço em estado de insolvência

(Continuação da 1.ª página)

V. M. — *Em face dessas diligências, que veio a ser, efectivamente, concluído?*

A. D. — Concluí que a Câmara estava INSOLVENTE. As suas receitas ordinárias estavam orçamentadas em 1650 contos. As despesas com funcionários e obrigatorias somam 2 157 500\$00 ou seja, um déficit de mais de 500 contos. Além disso, encontravam-se na secretaria da Câmara um monte de facturas de fornecimentos e serviços por pagar que somavam mais de 4144 contos. Teria ainda que pagar a sua quota parte em obras comparticipadas pelo Estado e já adjudicadas a empreiteiros no valor superior a 4370 contos. Em virtude disso, estamos com os braços cruzados, já que não podemos fazer nada, o que já expusemos anteriormente, pedindo o auxílio preciso para solucionar esta situação e, ao mesmo tempo, um INQUÉRITO sobre a actuação da Câmara anterior, não só porque muitas das obras por ela mandadas fazer eram de mera «fachada» do que de real interesse colectivo, mas também porque se gastaram e estavam ainda em dívida mais de dois mil contos com a construção do Parque Desportivo, sem haver sequer um projecto aprovado!

Mais ainda: houve povos de várias freguesias que entregaram à Câmara valiosos donativos com o fim de ela proceder a diversos melhoramentos, dos quais uns não foram feitos e outros ficaram incompletos, tendo sido desviadas as respectivas importâncias para outros fins que não aqueles para que tinham sido destinadas.

V. M. — *A situação da Câmara de Melgaço traduz fielmente o processo de administração de receitas do Estado, o que querará dizer, consequentemente, é o resultado, a herança deixada pelo antigo regime, deixando-se a administração pública como um barco à deriva. O ambiente é idêntico em muitas outras câmaras. Mas, concretamente, o que será de prioridade para um alívio desta situação tão complexa?*

A. D. — Primeiro que tudo, pagar as dívidas para acabar com a desconfiança do comércio que nada fornece a crédito à Câmara. Depois subsidiá-la com importância suficiente para equilibrar o seu orçamento para poder iniciar obras e melhoramentos de interesse colectivo.

V. M. — *Neste aspecto de melhoramentos de interesse colectivo, poderá indicar algumas das deficiências palpáveis no Concelho?*

A. D. — Tem vários capítulos. Tem o capítulo da instrução em que seria de toda a conveniência a fundação aqui de um liceu para cuja instalação já o senhor vogal do pelouro está a proceder a estudos; depois os serviços de viação, em especial a pavimentação adequada das estradas e caminhos municipais porque, sendo somente abertos e com o pavimento em terra, as chuvas inverniais os deixam num estado intransitável por largo tempo, sendo necessário, cada ano, gastar importâncias avultadas para as pôr em estado de servirem a finalidade para que foram abertas. Depois temos a electrificação. Ainda falta electrificar várias freguesias do concelho e lugares de outras já electrificadas. Entre aquelas freguesias há três que vêm passar por cima a linha da alta tensão mas continuam às escuras. A Comissão já pediu o projecto que tem de ser submetido a instâncias superiores, projecto que ainda não foi entregue.

V. M. — *Como traduz o ambiente social vivido no concelho de Melgaço?*

A. D. — A Comissão Administrativa adoptou o princípio da maior descentralização das autarquias locais. Entende que são os moradores de cada freguesia, representados pela sua junta ou comissão administrativa, quem melhor conhece as suas necessidades e a mais adequada solução delas. Pelo que eles devem ter a maior autonomia nesse aspecto, reservando-se a Comissão Municipal apenas para os auxiliares dentro das suas possibilidades técnicas e financeiras. E muita satisfação tem a Comissão Municipal em verificar que os

povos das freguesias e as suas comissões administrativas receberam bem esse princípio e a ele se adaptaram. O ambiente social do concelho, em geral, é bom. E todos se reúnem e ajudam quer com trabalho pessoal quer com donativos para efectivação de melhoramentos locais. Não se encontra, no geral, inimizades pessoais que impeçam a convivência humana normal, havendo, todavia, excepções lamentáveis mas que apenas são, como em tudo, excepções confirmativas da regra.

V. M. — *A Vila precisou, durante muito tempo, de um mercado capaz. As obras foram realizadas mas, pouco tempo decorridos após a sua concretização, verificou-se que o desejado mercado rapidamente passou a uma obra em ruínas. Acontece, por outro lado, que o aspecto fisionómico da Vila, em geral, é desolador. Pode fazer algumas considerações sobre o assunto?*

A. D. — Actualmente estão-se a executar projectos de saneamento e embelezamento da Praça da República, já aprovados e adjudicados a empreiteiros, de forma que haverá que sofrer os inconvenientes da execução desses trabalhos, enquanto não finalizam. Quanto ao mercado era uma necessidade que foi reconhecida pela penúltima vereação que chegou a deixar umas centenas de contos consignados ou destinados à construção de um novo mercado. A última vereação, porém, desviou essas importâncias para outros fins e apenas construiu um barracão impróprio para mercado, quer pela sua situação, quer pela sua construção. Não sabe a actual Comissão Administrativa se lhe será possível remediar este estado de coisas, dada a situação financeira que já lhe disse. Mas não descura o caso porque julga um mercado ser um elemento indispensável em terra civilizada.

V. M. — *Consta-me que há dificuldades em fazer construções novas ou mesmo reparações em prédios urbanos dentro da zona da Vila. A que são atribuídas contrariedades dessa natureza?*

A. D. — É uma verdade. Mas a culpa não é da Comissão Municipal e sim de uma secção qualquer do Ministério da Educação e Cultura que tem a seu cargo a conservação dos monumentos nacionais e conseguiu que fosse estabelecida uma zona de protecção ao Castelo de Melgaço numa área demasiado extensa e dentro da qual nem se pode fazer uma nova construção nem modificar uma antiquada e quase inabitável, não se pode quase mudar mesmo uma telha sem que aquela secção aprove o que se pretende fazer. O remédio para isso seria reduzir-lhe essa área da zona de protecção ao mínimo e, ao mesmo tempo, «sanear» os elementos daquela secção que parecem ainda imbuídos de um totalitarismo que terminou em 25 de Abril, retirando-lhes, pelo menos, esse espírito de «mandar eu» que, com vários pretextos levanta dificuldades que o mais comedido bom senso inteiramente repele.

V. M. — *Exactamente esse referido comezinho motivou o*

acentuado atraso das obras de ampliação do Quartel dos Bombeiros Voluntários. A concretizar essa obra os Melgacenses seriam beneficiados da falta de instalações de convívio. Repara-se que, para além do acentuado atraso cultural, os melgacenses hoje não dispõem de uma casa de espectáculos, isto é, nos dias de folga só tem o futebol para os distrair, quando há, aos domingos em que o Melgacense joga em casa. Aliás, tenho conhecimento da polémica havida entre a Direcção dos Bombeiros de Melgaço e a Direcção dos Monumentos Nacionais. Qual é a situação actual?

A. D. — Há seis anos que andam os Bombeiros a ver se conseguem a ampliação do seu edifício. A tal secção do MEC reprovou o primeiro projecto disso que tinha sido executado pelo Eng.º Director de Urbanização do Distrito, com o pretexto de que a sua execução iria destruir, sob o aspecto arquitectónico, o cunhal da casa de moradia vizinha. Depois de muita troca de correspondência e meses de demora, em que àquela secção se demonstrou que o referido cunhal não tinha qualquer valor histórico ou arqueológico, conseguiu a Associação que fosse mandado a Melgaço um membro da mesma secção para ver e examinar o local, o cunhal, e em que este seria prejudicado. Veio o Prof. de Belas Artes do Porto, Octávio Lixa Filgueiras. Examinou o local e verificou, como disse, que nenhum valor tinha aquele cunhal. Mas o projecto não podia ser aprovado porque destoava do «meio ambiente». Todavia, sugeriu que o arquitecto-consultor da Câmara fizesse um novo projecto sob a orientação e instrução que ele daria, ao que o mesmo arquitecto acedeu e mandou, efectivamente, meses depois, não um projecto completo mas uma planta da ampliação a construir. Foi essa planta enviada ao sr. Eng.º Director de Urbanização do Distrito que, amavelmente, sobre ela mandou fazer os respectivos alçados. Completado assim o projecto, foi mandado à tal sub-secção que o reprovou com o PRETEXTO de os peitoris das janelas do corpo das janelas do corpo a construir deveriam ficar em plano inferior ao da janela existente no corpo já construído! Ora, no corpo já construído há um vitral para dar luz à escada de acesso ao primeiro andar e cuja parte inferior, que nem é peitoril, está sensivelmente ao nível do pavimento desse primeiro andar. E há uma janela, esta com peitoril, em relação ao qual os peitoris das janelas da ampliação das janelas do corpo a construir já estão em plano inferior cerca de um metro, estando, portanto, o desenho orçado em perfeita concordância com a planta! E por-

que era baseado num erro de facto o pretexto invocado pela tal secção e que ela poderia verificar perante todos os projectos que lá tinha. A Associação expôs ao sr. Ministro esse erro de facto para aquela secção o reconhecer e aprovar o projecto. Durante largos meses não houve notícia de que fora feito até que, por último, a dita secção apresentou nova informação ou parecer dizendo «que estudos posteriormente enviados continham erros técnicos e não obedeciam às indicações superiormente fixadas!» Não disse que estudos posteriores, quem os recebeu e quem os enviou. Não concretiza quais os erros técnicos que encontrou para poderem ser corrigidos, nem indica em que projecto não se obedeceu a instruções superiormente fixados para efeito de emenda! Tudo isto dito em novo ofício para o sr. Ministro da Educação e Cultura. Até hoje continua tudo na mesma.

* * *

E, efectivamente, tudo continua na mesma. Levará tempo a reconstrução de Melgaço, um concelho notavelmente ofuscado pelo caminhar do progresso. As entidades governativas esqueceram-no ao longo dos anos; aqueles que por ele deviam lutar deixaram-se levar pelas manobras de uma administração aventureirista. E o resultado patenteia-se em declarações aqui reproduzidas. Grande parte dos melgacenses perderam o vigor da força por uma luta capaz e objectiva. Hoje encolhem os ombros, desalentados. Confiaram demasiado nas palavras que traduziam promessas jamais cumpridas. O ténue fio de esperança quebrou-se. Aguardam impacientes que o processo de inquérito à anterior administração esclareça de facto muito daquilo que para eles hoje entra apenas no campo das hipóteses. O concelho é economicamente rico. Sempre demonstrou sê-lo até... outras palavras envolveram a fantasmagoria. Chegou a hora de acordar. Uma alvorada pesa. Realista. Cruel.

Com 84 anos vividos, um homem reúne as últimas forças para lutar pela terra que o viu nascer. Já não se entretém a montar filmes das viagens que efectuou. Já não repousa num sofá ouvindo clássicos. Nem se debruça sobre as roseiras do seu jardim para, aos fins da tarde, recolher os mais belos botões que davam à decoração daquele Lar o tom festivo. Agora vive debruçado em papéis, trabalhando horas após horas, desgastando as últimas energias reservadas para a luta pelo progresso da terra maravilhosa que Melgaço é, «a Suíça Portuguesa» que muitos dizem que é.

Annúncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

“A VOZ DE MELGAÇO,”

Anual: 60\$00 — Avança - Quinzendário — Estrangeiro: 100\$00; Avião: 140\$00

1 MARÇO 1975

Sucursal em Paris do Banco Português do Atlântico especialmente para servir os emigrantes portugueses

Sempre a procurar apoiar de perto os portugueses que trabalham no estrangeiro, o Banco Português do Atlântico acaba de instalar em Paris uma Sucursal, na Rua Auber, 5 (Paris 75009), oferecendo, assim, mais um balcão com funcionários portugueses especializados em tudo quanto diz respeito à emigração aos nossos compatriotas que trabalham na capital francesa.

Para assinalar a abertura deste seu terceiro balcão em Paris (já há muito que ali funcionava um Departamento BPA na Av. George V, 49 e, recentemente, aquela instituição de Crédito passou também a oferecer os seus serviços aos emigrantes portugueses na Companhia de Turismo Brasil-Atlântico, à Av. da Opera, 1), o Banco Português do Atlântico programou várias iniciativas de

entre as quais se devem destacar as seguintes:

— um jogo de futebol entre as equipas do Red Star e do Vitória de Guimarães especialmente dedicado aos portugueses que trabalham em Paris, a quem foram oferecidos os bilhetes de entrada no Estádio de Saint-Ouen e que, assim, foram associados directamente à abertura de um estabelecimento BPA criado especialmente para os servir;

— uma recepção oferecida às individualidades de maior destaque na vida económica e financeira da capital francesa, empresas dos dois países que mantêm relações comerciais, representantes de Portugal em Paris, etc., já que a Sucursal BPA terá também como objectivo promover a intensificação de negócios entre a França e o nosso País.